

Realização

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Rua 21 de Setembro nº 1880 – Bairro N. S. de Fátima
Caixa Postal 109 CEP 79320-900 Corumbá – MS
Tel: +55 (67) 3234-5800 / 3234-5900 Fax: +55 (67) 3234-5815
www.embrapa.br/pantanal – cpap.sac@embrapa.br

“Cara inchada” em cavalos no Pantanal – como resolver o problema?

Ministério da
**Agricultura, Pecuária
e Abastecimento**



Texto:
Sandra Aparecida Santos,
José Aníbal Comastri Filho,
Raquel Soares Juliano,
Sandra Mara Araújo Crispim

Foto:
Sandra Aparecida Santos

Diagramação:
Guilherme Caetano

Corumbá-MS
Dezembro de 2014
Tiragem 50



Embrapa

Pantanal

Nas últimas décadas, a substituição de pastagens nativas por espécies exóticas, principalmente do gênero **Brachiaria (Urochloa)** vem crescendo na planície pantaneira, onde predomina a criação extensiva de bovinos de corte. Na região, além dos bovinos também são criados os equinos, que são imprescindíveis para o manejo do gado. Os equinos de trabalho geralmente são criados próximos a sede, locais preferenciais para introdução de gramíneas exóticas. A preferência das braquiárias pelos pecuaristas deve-se as características de adaptação a solos arenosos e pobres. Dentre as espécies mais utilizadas na região, destaca-se a **B. humidicola** por também ser tolerante a inundações e mais recentemente tem crescido o uso da **B. dictyoneura**.

Estas pastagens apresentam boa produtividade de massa seca, valores nutricionais variáveis nas estações do ano, com deficiência em minerais, especialmente cobre (Cu) e zinco (Zn). Essas forrageiras apresentam altos teores de oxalato, uma substância que se liga ao cálcio (Ca) formando oxalato de Ca, que impede sua absorção pelo animal. Esta redução de Ca estimula a liberação do paratormônio, que atua retirando Ca dos ossos com consequente substituição do tecido ósseo por tecido fibroso, acarretando Hiperparatireoidismo Nutricional Secundário ou Osteodistrofia Fibrosa, conhecida com doença da “cara inchada”, um distúrbio decorrente do consumo inadequado de cálcio (Ca) e/ou excessivo de fósforo (P), ou secundariamente pela ingestão de excesso de oxalato. Este nome se deve ao fato da doença ser mais evidente pelas deformidades que causa no chanfro do cavalo adulto.

Esse problema tem sido comum, em especial nos cavalos mantidos em pastagens exclusivas de **Brachiaria** ou outras espécies ricas em oxalato, tais como **Setaria anceps** cv. Kazungula, **Panicum maximum** cv. Colômbia e **Digitaria decumbens** cv. Transvala, sem suplementação mineral adequada. Muitas forrageiras nativas também possuem elevado teor de oxalato, como *Richardia grandiflora*. No entanto, apesar de não se ter conhecimento sobre os valores de oxalato de todas as forrageiras nativas, isso não é preocupante porque os animais mantidos em pastagens nativas consomem uma grande diversidade de espécies o que equilibra os níveis de oxalato e absorção de Ca.

Nos animais acometidos pela “cara inchada” podem ocorrer queda dos dentes e diminuição do consumo alimentar com consequente emagrecimento, refletindo em prejuízo no trabalho funcional e reprodutivo, relacionados principalmente aos distúrbios locomotores e debilidade dos animais, presentes nos casos graves e crônicos. A melhor forma de evitar esta doença é a prevenção, mantendo os animais em pastagens com baixo teor de oxalato ou em pastagens nativas de boa qualidade, de preferência com a suplementação mineral adequada. A mineralização pode ser corrigida nos estágios iniciais da doença com o fornecimento, durante cerca de 3 meses, de Ca e P acima das exigências. Posteriormente, o fornecimento Ca:P deve seguir as exigências, ou seja, o tratamento consiste principalmente na regularização do desequilíbrio Ca:P.

Atenção: Para prevenir o aparecimento da “cara inchada” ou o agravamento dos cavalos já doentes, deve-se evitar fornecer alimentos ricos em fósforo como milho e farelo de trigo, que podem agravar o desequilíbrio Ca:P.